

Considerações finais

Deleuze se entregou aos movimentos infinitos do pensamento e propôs o mesmo à psicanálise: que ela se voltasse para o infinito, abrisse horizontes e liberasse movimentos que compusessem com a vida. De acordo com Ivair Lisboa (1998), as sensações não devem ser julgadas e os acontecimentos não precisam estar subordinados a crenças reativas. Os encontros, sensações, a que estamos expostos na vida, abrem uma oportunidade para o novo, para um empirismo sem hábitos e sem crenças. A vida como experimentação.

É porque Spinoza liberou tal potência do pensamento e da vida, que cada acontecimento, cada coisa, tem em si a qualidade de ser um grau do infinito. Portanto, julgar tais devires corresponde a um ressentimento, a uma vontade de conhecer que espanta a natureza dessas coisas e recalca seus infinitos. Nem todo coração agüenta tanta liberdade ou tal excesso de velocidade e criação. Alguns querem prender, querem capturar a potência da vida, expurgar seus excessos, os simulacros, movimentos não dominados pelas faculdades do conhecimento. A vingança do conhecimento contra a vida impõe a contradição, enquanto o pensamento libera os paradoxos, emancipa as sensações, faz a experiência engendrar múltiplos mundos. Artaud compreendeu o niilismo dos julgamentos divinos para liberar os deuses para a alegria. A experiência que há em Spinoza é a fonte que liga nossos corpos ao infinito da vida, da natureza ou de Deus, mas é também o que faz o infinito nunca se diminuir ao finito, pois nas expressões da imanência, até o modo é um infinito infinitizado, enquanto o absoluto é o infinito infinitizante. Olhar ou sentir uma coisa é experimentá-la como um modo infinito, é surpreender-se já no meio de um turbilhão que não pode ser reduzido a cada coisa ou a cada um de nós (Lisboa, 1998, p. 18).

A obra de Deleuze prima pelo princípio da experimentação, faz do pensamento um atributo do fora, ligado e afetado pelas coisas de forma incessante. Exerce o que é a seu ver o grande desafio da filosofia: criar conceitos sem nada perder do infinito.

Assimilando este princípio é que foi desenvolvida a presente dissertação cujo propósito é destacar a repercussão do pensamento imanente na psicanálise clássica, o que estimula, conseqüentemente, a curiosidade de se estudar de forma mais ampla como fica a psicanálise compreendida no plano de imanência, estudar os pensadores que já a concebem dessa forma. Como diz Peixoto Júnior (2006) seria interessante pesquisar sobre os psicanalistas da imanência.

Pode-se compreender que estes seriam pensadores que não colocam o pensamento psicanalítico como portador de verdades, mas sim como facilitador das potências criadoras; autores que estão atentos às micropercepções, ao molecular, em detrimento de organizações molares; que se preocupam com a experiência da vida e por isso mesmo trazem a teoria para a Terra, retirando-a dos territórios transcendentais; aqueles que desmistificam o formalismo psicanalítico e permitem que formas de relacionamento sutis apareçam; aqueles que vivem no tempo das multiplicidades e renunciam ao pensamento representacional; aqueles que exercem uma psicanálise não-ortodoxa, não centrada na palavra, no significante, na interpretação e, de forma contrária, dão ênfase para a experimentação; psicanalistas que não adotam atitudes a priori, mas que se encontram abertos ao encontro com seres singulares e as necessidades solicitadas em cada relação.

Falamos, por certo, do esforço de Deleuze para criticar a relação que a psicanálise clássica estabelece entre normalidade e neurose, e também da busca de métodos alternativos, de tratamentos mais adequados para aqueles que não se enquadram no modelo neurótico, para aqueles que o puro significado da palavra dificilmente toca ou mobiliza.

Nesta perspectiva, parece interessante também pesquisar se os analistas que pensam a psicanálise no plano de imanência já não indicam a necessidade de se desterritorializar as concepções vigentes de saúde ou normalidade, e substituí-las por conceitos mais amplos. Deleuze considera que o ponto de vista vigente sobre a saúde mental não é uma verdadeira saúde; talvez a doença seja a neurose e o Édipo pelo qual tudo se mede.

Até há pouco tempo a psicanálise tinha como sustentáculo de ideal de normalidade exclusivamente o neurótico: quanto menos neurótica, mais a pessoa se aproximaria deste ideal de normalidade, sendo a normalidade absoluta, a ausência de neurose, um ideal inalcançável, contentando-se o analista com uma normalidade que incluía aspectos neuróticos não invalidantes e, se e quando dolorosos, perfeitamente suportáveis (Armony, 1998, p. 84).

De acordo com Armony, a normalidade de padrão neurótico proposta por Freud pode ser atribuída a uma visão edípica, marcada pela lei do pai, pela formação de estruturas e tem como sustentáculos a organização, a coerência, a estabilidade, e a invariância nos modos de ser. Dentro da perspectiva deleuziana, a

qual permitiria supor uma psicanálise vinculada ao pensamento imanente, impõe-se a busca por novas concepções de saúde mental, categorias que sejam capazes de estabelecer uma relação com os acontecimentos que não seja sólida nem estável, mas aberta a transformações.

É importante destacar que o propósito de aproximar a psicanálise do campo de imanência buscando novas concepções de saúde ou normalidade, não tem o intuito de erigir um novo significante despótico, uma nova regra para a normalidade e a saúde mental, mas, principalmente, chamar a atenção para os movimentos territoriais que trazem em si um vetor de desterritorialização, lugar da linha de fuga que possibilita criar novas terras. Buscar territórios ou conceitos no plano de imanência, que é um plano de variação contínua, remete apenas à possibilidade de reter aquilo que aumenta o âmbito de conexões.

Afastar a neurose e suas histórias edípicas do lugar da normalidade nos parece fundamental para a criação de novas territorialidades com contornos menos rígidos, cuja potência de metamorfose a qualquer momento pode ser desterritorializada em prol de alguma reterritorialização mais adequada. O importante é não perder de vista o intuito deleuziano de colocar o pensamento no movimento infinito.

Pode-se observar como muitos autores atuais, principalmente da área da sociologia, ainda se sentem “preocupados” e pessimistas com a falta de referências do homem pós-moderno, com a forma nômade com que ele lida com o território. Porém, é inevitável admitir que, hoje, é a idéia de multiplicidade que nutre o social, o que, a nosso ver, é positivo. Ainda que isso possa gerar inseguranças, também faz com que o pensamento invente novos universos onde o homem pode encontrar uma espécie de felicidade que tem a ver com a exacerbação e o excesso de que tanto fala Deleuze.

A psicanálise clássica, acompanhando a subjetividade dominante de seu tempo, produziu um olhar unificador e desatento às multiplicidades, que ganharam maior significado na constituição da subjetividade atual. Nesse sentido, afirma Armony (1998), parece extremamente complicado que muitos psicanalistas mais tradicionais ainda encarem a unidade como modelo de subjetividade normal e a multiplicidade como patológica, desprezando dessa forma os paradoxos, as velocidades e a primazia das intensidades em benefício das representações.

Pesquisar sobre a possibilidade de uma aproximação entre a psicanálise e o plano de imanência, buscando algum indício de concepção de saúde mental que traga novas alternativas, e que possua a fluidez e a mobilidade necessárias para acompanhar a velocidade dos acontecimentos da atualidade, nos pareceu uma proposta razoável. Esta dissertação, que buscou discutir a presença da psicanálise na obra de Deleuze, propõe a seguinte conclusão: a de que para este autor, a forma de psicanálise viável é uma psicanálise imanente.